

RUBEM BRAGA

CINEMA

O MANZON viu, ainda sem som, o tal filme que o diretor francês Camus fez no Rio, baseado na história do «Orfeu da Conceição», de Vinicius de Moraes. Disse que vai ser um grande êxito internacional, e que o jovem Marceu Camus começará a aparecer como um grande diretor. A mestria com que ele dirigiu nossos mulatos do morro é impressionante: ele extraiu grandes atores da gente do povo. E o filme em cores é bellissimo, com achados estupendos, como a descida aos infernos, feita na escada em caracol do Ministério da Fazenda, com o fundo de tapetes vermelhos...

Manzon disse mais. Que todo o filme, pronto, ficará em cerca de 30 milhões de cruzeiros, quando, se fôsse feito na França, custaria coisa de 60 milhões. E que o produtor Gordini vai se encher da erva com essa produção.

Tônia Carrero, que acaba de voltar ao Brasil, encontrou nos Estados Unidos e na Europa muita gente interessada em fazer filmes no Brasil. Viu exibido em muitos cinemas um documentário em que aparece a estrada Belém-Brasília, e contou que todo mundo a interrogava com grande interesse sobre essa estrada e sobre a nova capital. («Eu não tinha coragem de dizer que não conhecia Brasília, ia logo dizendo que era uma maravilha...»). Estêve também com diretores e produtores interessados em filmar na Bahia.

Tudo isso, e principalmente a atração que representa o nosso câmbio, excelente... para os estrangeiros, faz prever uma certa afluência de diretores ao Brasil. Isso é bom. O que é urgente é rever os regulamentos de nossa Alfândega para permitir que os produtores estrangeiros entrem aqui com a maquinaria e o material que efetivamente precisam trazer para fazer filmes. É necessário que os homens da Alfândega se louvem na declaração de nossos representantes diplomáticos, quando êstes atestarem a idoneidade dos cineastas, e não criem formalidades demoradas e onerosas.

Acho que nossas autoridades devem impor aos diretores estrangeiros uma condição para que êles filmem no Brasil: trabalhar com um ou mais assistentes brasileiros. Isto será uma grande «chance» para o Brasil formar diretores — e cada vez me convenço mais de que o problema do cinema nacional, com toda a sua complicação econômica, financeira e artística é, antes de tudo, um problema de diretor.

Cinema é direção — o resto é fácil de dar um jeito. Aproveitemos a lição dêsse jovem Camus e de outros que apareçam para aprender a fazer cinema com a nossa terra e a nossa gente. E facilitemos bôlsas a quem desejar aprender cinema no exterior. Só assim poderemos, um dia, «vender» cinema no exterior com regularidade e proveito, e ter com que suprir honradamente, e não com abacaxis nefandos, o mercado nacional.

E agradeçamos desde logo ao poeta e diplomata Vinicius de Moraes a beleza de sua inspiração, que atraiu até nós Marcel Camus.